



## Reminiscencias de la muerte y la divulgación del dolor en la estela funeraria de Lucius Trebius Divus

Luciane Munhoz de Omena\*  
Pedro Paulo A. Funari\*\*

### Resumen

*Recientes estudios han apuntado un continuo crecimiento de análisis sobre la manera en como las personas mueren, tratamiento de los cuerpos, tipos de sepulturas, local de deposición en el sitio, artefactos, construcciones identitarias en sarcófagos y relevos, más allá del paisaje funerario. Al tomar en consideración la relevancia de la representaciones mortuorias en el Mediterráneo romano, analizaremos, en términos históricos, la experiencia social de la muerte, a medida que engloba la forma en cómo los muertos en la sociedad son recordados o, dependiendo de las circunstancias, condenados al olvido. En función de la temática, el acervo documental contempla la estela funeraria de Lucius Trebius Divus. Por lo tanto, nos debemos concentrar en las dimensiones más particulares y emocionales del recuerdo de los muertos, a medida que el túmulo podría tornarse un espacio de peregrinación y reverencia, una casa o un santuario para los muertos y las asociaciones de los muertos con las divinidades emocionales de sobrevivientes. A partir de ahí, trazaremos reflexiones de la expresión pública del dolor y la inserción de dimensiones más particulares y emocionales en la forma en cómo se recordaba a los muertos en la sociedad romana.*

Palabras clave: Muerte - Memoria - Dolor y Epigrafía

### Abstract

*Recent studies have shown a continuous increase of analyses of the ways in which people die, treatment of the bodies, types of graves, deposit location at the burial site, artifacts, identity constructions in sarcophagi and reliefs, aside from the funerary landscape. Taking into consideration the relevance of mortuary representations in the Roman Mediterranean, we will analyze, in historic terms, the social experience of death, as it encompasses the way in which the dead in the society came to be remembered or, depending on the circumstances, condemned to oblivion. Relating to the topic, the document repertory contemplates the tombstone of Lucius Trebius Divus. Therefore, we will focus on the most particular and emotional dimensions of remembrance of the dead, as the grave could become a place for pilgrimage and reverence, a*

---

\* Professora Adjunta de História Antiga da Universidade Federal de Goiás-Brasil. Pós-doutoranda no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UNICAMP sob a supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari. Bolsista FAPESP/CAPES. E-mail: lucianemunhoz34@gmail.com

\*\* Professor Titular no Departamento de História, IFCH, Unicamp. Bolsista produtividade do CNPq, Coordenador do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/Nepam/Unicamp) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam/Unicamp). E-mail: pfunari@uol.com.br

*house or sanctuary for the dead, and the associations of the dead with the deities and their attributes, that not only kept his name alive, but met the emotional needs of survivors. From there, we will trace reflections on public expressions of pain and the insertion of more particular and emotional dimensions in the ways in which the dead were remembered in Roman society.*

Key words: Death - Memory - Pain and Epigraphy

Recepción del original: 09/09/2015

Aceptación del original: 11/11/2015

*“Nec sepulcra legens vereor, quod aiunt, ne memoriam perdam; his enim ipsis legendis in memoriam redeo mortuorum”* (Cícero. *De senectute* 7.21).<sup>1</sup>

Pesquisadores como Edgar Morin e Norbert Elias<sup>2</sup> produziram reflexões acerca do *morrer*, indicando, deste modo, um comportamento mais individualizado da sociedade contemporânea. Segundo os autores, há certa tendência, nos dias atuais, em transformar a morte em um discurso técnico, destinando-a aos saberes médicos, aos hospitais e às agências funerárias.<sup>3</sup> A morte marca o fim de uma existência material. É o momento em que o homem toma consciência de si e, por conseguinte, experimenta a morte dos outros. Assim, parece-nos possível deduzir que o *morrer* e o *próprio morto*, em sua materialidade, incorporam símbolos sociais, conferindo às relações humanas um sentido mais emocional ao congregar os sentimentos de amor e carinho, aversão, raiva, culpa ou remorso.<sup>4</sup> Desse modo, propomos que o corpo na sociedade romana, cenário de nossos estudos, além de definir identidades imprescindíveis, como o sexo, a idade e o *status* social, também codifica o indivíduo e seus familiares, por meio de sua apresentação (e.g. vestimentas, adornos).

Lembremos que o corpo inanimado tornou-se símbolo de poder, não pela sua condição de passividade, tal como Hope explora,<sup>5</sup> mas por ser um objeto poderoso e simbólico, à medida que poderia ser honrado, valorizado ou desprezado. A materialidade do corpo criava significados individuais e sociais,<sup>6</sup> pois, assim como argumentamos, a morte

<sup>1</sup> Marcus Tullius CICERO, *De senectute*, Books I-II. Trad. Domenico Lassandro e Giuseppe Micunco. Turín, UTET, 2007.

<sup>2</sup> Edgar MORIN, *El ser humano y a muerte*, Barcelona, Kairós, 2003; Norbert ELIAS, *A solidão dos moribundos. Seguido de envelhecer e morrer*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001; Peter METCALF y Richard HUNTINGTON, *Celebrations death. The anthropology of mortuary ritual*, Cambridge, Cambridge University Press, 2010; Ana Tania ROMERO LEVARIO, “Transformación y permanencia de las costumbres funerarias del pueblo de San Lorenzo Tezonco”, *Vita Brevis*, año 1, núm. 1, Enero-Junio, 2012, pp. 28-40.

<sup>3</sup> Norbert ELIAS, *A solidão dos moribundos...* cit., p. 80; Valerie M. HOPE, “Remembering to mourn personal mementos of the dead in Ancient Rome”, Valerie M. HOPE y Janet HUSKINSON (comp.), *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*, Oxford, Oxbow Books, 2011, pp. 176-195.

<sup>4</sup> Erik Mendoza LUJÁN, “Espántame, panteón. Los espacios y usos del cuerpo muerto”, *Vita Brevis*, año 1, núm. 1, Enero-Junio, 2012, pp. 09-27; Valerie M. HOPE, “Contempt and respect. The treatment of the corpse in Ancient Rome”, Valerie M. HOPE y Eiream MARSHALL (comp.), *Death and disease in the Ancient city*, Londres y Nueva York, Routledge, 2000, pp. 104-127.

<sup>5</sup> Valerie M. HOPE, “Contempt and respect. The treatment...” cit.

<sup>6</sup> Emma-Jayne GRAHAN, “Memory and materiality: re-embodiment of the roman funeral”, Valerie HOPE y Janet HUSKINSON, *Memory and mourning. Studies...* cit., pp. 21-39.

e, por consequência, o morto tornaram-se parte de um *espetáculo público*. Em função disto, encontramos, a partir da reflexão de um quadro de retalhos com distintas fontes, representando diferentes lugares e épocas (e.g. lápides, monumentos mortuários, fragmentos de vasos, moedas, joias, relevos em contextos funerários, além de narrativas textuais como as de Políbio (208-125 a. C.), Sêneca (4 a 1 a.C.- 65 d.C.), Petrónio (27-66 d.C.), Tácito (56-117 d.C.), Suetônio (70-130 d.C.), Lúcio Apuleio (125-180 d.C.) entre outros),<sup>7</sup> por exemplo, a *pompa funebris*. Esta, ao elogiar o morto e seus méritos públicos, seguia ao som com elementos musicais anunciando aos passantes o cerimonial fúnebre.<sup>8</sup> A morte tornou-se, então, um espaço espetacular, podendo culminar, em relação ao *funus* do *Imperator*, em sua apoteose, já que, como propõe Hope,<sup>9</sup> a *pompa funebris* tornou-se uma oportunidade de exposição pública, e não apenas de luto; por isso, tínhamos o *Princeps* morto honrado, bem como a legitimação de seu sucessor e a comemoração de seu relacionamento com a aristocracia senatorial<sup>10</sup> e mesmo, também, com a *plebs*.

Em vista desses apontamentos, interessa-nos compreender, sobretudo, a transformação do corpo em agente *mnemônico*, pois, tal como argumenta Graham,<sup>11</sup> a imagem do corpo em putrefação na cruz, a presença dele na pira funerária, o cheiro característico de carne queimada, o som dos gazes e os restos mortais convertiam-se em produção social de memória, criando, dessa forma, a sensação de um passado comum. Diríamos, ao compartilhar dos pressupostos de Gowing,<sup>12</sup> que a preocupação dos romanos em produzir uma *publica memoria*, ao acentuar a *ciuitas* e a *Res Publica* por meio de um corpo inanimado - seja de um condenado comum ou a *damnatio memoriae* de um aristocrata<sup>13</sup> passava a representar, em termos simbólicos, os *exempla* do corpo social. Sabemos, portanto, que, ao deambular pela *Via Appia*, o transeunte passaria pela comunidade dos mortos, deparando-se com os monumentos das principais famílias republicanas, tal como o mausoléu da *Cecilia Metella* e, mesmo antes de chegar a Roma, acessaria um tempo considerado sagrado, imutável, inabalável. Isso nos leva a crer que a reputação representava um importante elemento social, mesmo na condição de *post mortem*, visto que, segundo o testemunho de Sêneca, “*uestra facta dictaque rumor excipit, et ideo nullis magis curandum est, qualem famam habeant, quam qui, qualemcumque meruerint, magnam habituri sunt.*”<sup>14</sup>

<sup>7</sup> APULÉE, “*Les Métamorphoses*”, Traduit par P. Vallette, Paris, Les Belles Lettres, 2002; POLIBIO, *História*, Trad. Mário da Gama Kury, Brasília, Universidade de Brasília, 1996; SUETONIUS, *The lives of the Caesars*, London, Loeb Classical Library, vol. I, translated by J. C. Rolfe, Harvard, Harvard University Press, 1979.

<sup>8</sup> Darja Sterbenc ERKER, “Gender and roman funeral ritual”, Valerie M. HOPE y Janet HUSKINSON (comp.), “*Memory and Mourning: Studies...*” cit.; Luciane MUNHOZ DE OMENA y Margarida Maria de CARVALHO, “Morte e gênero em Sêneca: um diálogo com os vestígios da cultura material”, *Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, Anablume, pp. 223-244.

<sup>9</sup> Valerie HOPE, “Contempt and respect...” cit., p. 109.

<sup>10</sup> Javier ARCE, “*Funus Imperatorum: Los Funerales de los Emperadores Romanos*”, Madrid, Alianza, 1990; Larry KREITZER, “Apotheosis of the Roman Emperor”, *The Biblical Archaeologist*, vol. 53, núm. 4, diciembre 1990, pp. 210-217; Simon PRICE, “From noble funerals to divine cult: the Consacration of Roman Emperors”, David CANNADINE y Simon PRICE (comp.), “*Rituals of Royalty: Power and Ceremonial in Traditional Societies*”, Cambridge, Cambridge University Press, 1992, pp. 56-105; Duncan FISHWICK, “The Deification of Claudius”, *The Classical Quarterly*, vol. 52, núm. 1, 2002, pp. 341-349.

<sup>11</sup> Emma-Jayne GRAHAN, “Memory and materiality...” cit., p. 27.

<sup>12</sup> Alain M. GOWING, “*Empire and memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture*”, Cambridge, Cambridge University Press, 2005, p. 15.

<sup>13</sup> Cf. Sêneca. *Diui Claudii Apocolocyntosis*; Lucius A. SÉNÈQUE, «*L'Apocoloquintose du divin Claude*», Trad. par René Waltz, Paris, Les Belles Lettres, 1966.

<sup>14</sup> Sêneca. *De Clementia* III, VI, 1. Para a confecção deste artigo, utilizamos o texto original em latim da tradução

Pelo dito acima, afirmamos que os rumores poderiam, mesmo na posição de *potestas* do *Princeps*, destruí-lo, indicando, desta forma, a existência de conflitos sociais, bem como a necessidade de propalar a sua imagem. Hope<sup>15</sup> propõe que a *urbs* de Roma tornou-se um armazém de memórias -imagens e textos- que promovia o passado romano, seus grandes homens, sucessos, vitórias e o favor divino. Sabemos, pois, que o ideal seria projetar-se a partir da carreira pública -*cursus honorum*-, porém os romanos utilizaram diversas formas de transmissão da memória, entre elas os rituais fúnebres e seus monumentos de pedra. Como propõe Huskinson,<sup>16</sup> alguns túmulos foram planejados frente à morte, outros foram reutilizados; em alguns, temos a exibição pública, enquanto outros foram criados para um enterro privativo e complexo, visto somente por alguns visitantes. Muitos incluíam formas de identificação de texto -epitáfios- ao lado da imagem visual, mas, com todos os aspectos de personalização, nem sempre são evidentes as informações sobre o fato de o comprador poder influenciar os detalhes finais. Visto que as inscrições e os elementos iconográficos aparecem espontaneamente ou, por um poder pessoal, podem ser convencionais ou estereotipadas. Temos, então, a tentativa de imortalizar o falecido, levando-se em consideração a construção de ideais que, em nossa opinião, estimulavam o papel público de seus familiares.

Além da produção de uma memória visual familiar que, segundo nossa argumentação, é imprescindível para compreendermos as representações da morte em seus diversos suportes documentais, devemos também vinculá-las à produção de uma memória ritualística, à medida que o ciclo -nascimento, puberdade, amadurecimento, reprodução e morte- representa rituais e, diante deste fato, outorga significado social aos processos biológicos. Nestes termos, inferimos que os rituais abrangem atos repetidos, religiosos e seculares, promovendo, dessa forma, instituições, indivíduos e familiares. Como já demos a entender, há uma relação entre ritual e vida cotidiana, pois, ao parafrasear Levario,<sup>17</sup> os cerimoniais ritualísticos se transformavam em etapas sociais que, ao adaptar-se ao meio ambiente e em sua inserção em um espaço-temporal, convertia o símbolo ritual em ação social. Sabemos, à vista disso, que o momento da morte incorporava situações críticas; de modo geral, as sociedades ritualizavam e assinalavam, em termos públicos, cerimônias que acentuavam a relevância do indivíduo e do grupo como membros da comunidade. Ao parafrasear Wallace-Hadrill, os cerimoniais mortuários garantiriam o processo de reintegração do grupo familiar no espaço social, uma vez que a família, consternada em função da brutalidade da perda, “continuava a se expressar nas máscaras funerárias, nas estátuas dos mortos, nas inscrições que, de fato, mantinham a continuidade social da família.”<sup>18</sup> Sendo assim, a promoção da lembrança dos mortos tornava-se uma declaração

de François Préchac (1990). Lucius A. SÉNÈQUE, “De la Clemence”, Trad. par François Préchac, Paris, Les Belles Lettres, 1990.

<sup>15</sup> Valerie M. HOPE, “Remembering Rome. Memory, funerary monuments and the Roman soldier”, Howard WILLIAMS, *Archaeologies of remembrance. Death and memory in past societies*, New York: Kluwer Academic, 2003, p. 118.

<sup>16</sup> Janet HUSKINSON, “Constructing childhood on roman funerary memorials”, *Hesperia Supplements*, Italy, vol. 41, 2007, p. 323. Ver ainda: John BODEL y Saul M. OLYAN, “Household and Family Religion in Antiquity”, Australia, Blackwell, 2008; Maureen CARROL, *Roman funerary commemoration in western*, Oxford, Oxford University Press, 2006; Ben RUSSEL, “The Roman sarcophagus ‘industry’: a reconsideration”, Jás ELSNER y Janet HUSKINSON (comp.), “Life, death and representation. Some new work on Roman sarcophagi”, New York-Berlin, Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2011, pp. 119-148.

<sup>17</sup> Ana Tania Romero LEVARIO, “Transformación y permanencia de las costumbres...” cit., p. 30.

<sup>18</sup> Wallace-HADRILL, “Housing the Dead: The Tomb as House in Roman Italy”, Laurie BRINK & Deborah GREEN

pública de identidade e sinalizava a relevância das relações familiares fundamentadas nos laços de afetividade, dado que, assim como compreendemos, o círculo fechado da família incorporava, de modo geral, o compartilhamento das atividades cotidianas realizadas no espaço doméstico.

Sabemos, pois, que o repertório iconográfico e textual das estelas funerárias, ou mesmo em sarcófagos, tendia a ser repetitivo e convencional, indicando, dessa forma, um *topos* no compartilhamento de ideais e valores comuns,<sup>19</sup> que sinalizavam, sobretudo, representações de homens, mulheres e crianças, as quais incorporavam a cidadania romana.<sup>20</sup> Assim, a estela funerária de Lúcio Trébio Divo, localizada na *Via Manzoni-Giardino*, em 1874, não apresenta elementos imagéticos; no entanto, a inscrição produz um intenso lamento, em uma estela com 175 cm de comprimento, 59 cm de largura e 15 cm de espessura, o que indica o uso de um módulo baseado no pé romano de 29,6 cm: 6 pés de comprimento, por 1,8 de largura e 0,5 de espessura. A escrita tumular, datada entre a passagem do III para o IV século d.C., expõe um formato legível, e as letras foram cuidadosamente transcritas na pedra de verdrasta, ainda que tenhamos algumas lacunas no epitáfio.

Ilustración 1  
Estela Funerária de L. T. Divo.



Fuente: Créd. Luciane MUNHOZ DE OMENA, julho de 2014.

*“Diis manibus, vivus fecit. Lucius Trebius Divus fecit Septiciae Maurae coniuge carissimae, quae vixit mecum XXXVIII annos, V menses, XIII dies. Hic ubi libertus iacet, artavi priores meo set indigna morte consumpti hic quattuor manumissia cent et coniuge cara mihi una die novati. Lucius Trebius Chryseros qui vixit ann(os) XVIII mens(es) VIII dies V, Benigna vixit ann(os) V dies XXII, Felicitas vixit ann(os) III*

(comp.), *Commemorating the Dead: Texts and Artifacts in Context*, New York, Walter de Gruyter, 2008, p. 47.

<sup>19</sup> Stine BIRK, “Man or woman. Cross-gendering and individuality on third century Roman sarcophagi”, Jás ELSNER y Janet HUSKINSON (comp.), *Life, death and representation. Some new work on Roman sarcophagi*, New York-Berlin, Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2011, pp. 229-260.

<sup>20</sup> Janet HUSKINSON, “Constructing childhood...” cit., p. 325.

*m(enses) II dies XI, Postumia vixit bien(n)io dies VIII. Heu me miserum, qui feci tot crudelia funera, fleo noctem diem que, post haec plus non potui praestare meis quam aeternam domum pro parte mea o quantum dolor est quod cogit, <me>miserum patronum, pectus ferre haec. Post haec adiuncta est mihi Flamia coniu(n)x laeva parte stat iuncta sub co(n)iuge priore pia pares liberti dextra. Vos qui legitis, amici, iam specto uenit illa dies in qua ille tyranus qui me transponat ad illos". (Museo Archeologico di Milano, N. Inv. A. 0.9.11034. Transcrição de Sartori, 1994).*

Ao invés de centralizar-se em sua família, apresenta aos transeuntes um comovente cenário de dor motivado pelas mortes sucessivas de familiares. O epitáfio informa ao público o peso destrutivo da morte e a finitude da vida. Nesta inscrição doméstica, a dor torna-se a protagonista e Lúcio se desespera com a perda dolorosa de Septícia Moura, primeira esposa, com a morte de seus quatro libertos, bem como com o falecimento de sua segunda esposa, Flâmia. O homem sozinho apela aos leitores da grande estela, declarando-se à espera da morte, que o reunirá aos seus entes queridos (“*Vos qui legitis, amici, iam specto uenit illa dies in qua ille tyranus qui me transponat ad illos*”).<sup>21</sup> Nesse monumento, a experiência social da morte concentra-se em uma produção de memória que, em nossa percepção, valorizava as dimensões mais particulares e emocionais da lembrança dos mortos, proporcionando, desta maneira, um significado mais pessoal ao papel público da memória.

É interessante ressaltar que, se nos voltarmos aos *topoi* literários, encontraremos idealizações contra as manifestações públicas da dor, *a fortiori*, daquelas que extrapolavam os limites dos ritos tradicionais de luto.<sup>22</sup> Ao redigir a missiva à Mária, Sêneca projetou o ideal de comportamento virtuoso que, mesmo em circunstâncias dolorosas, em função da morte de seu filho Metílio (Sêneca. *Consolatio Ad Marciam* VII. III), deveria interromper o seu luto. Três anos haviam transcorrido e, aos olhos de Sêneca, Mária mantinha-se em isolamento social e, por este fato, deixava de cumprir seu papel feminino na *domus*. Compreendemos, em razão disso, a *consolatio* como um processo de reintegração de Mária à comunidade cívica, pois, como propõe Ker,<sup>23</sup> a retórica consolatória deveria remodelar os comportamentos sociais diante das adversidades. Mária deveria manter-se sob a égide da *uirtus*, visto que, de acordo com suas palavras, “*nec sicci sint oculi amisso amico, nec fluant: lacrymandum est, nen plorandum*” (Sêneca. *Epistulae Morales* 63. 2).<sup>24</sup> Assim, parece-nos possível deduzir que o luto feminino é louvável e, até mesmo necessário, se pensarmos que o ritual libera a *familia funesta* a praticar as atividades vinculadas à comunidade, entretanto, deve encontrar-se um limite adequado.<sup>25</sup> Temos, então, diferente do *topos* senequiano, a produção de uma memória centrada no sofrimento de Lúcio, uma vez que,

<sup>21</sup> *Museo Archeologico di Milano*, N. Inv. A 0.917767 apud SARTORI, 1994.

<sup>22</sup> Darja Sterbenc ERKER, “Gender and Roman funeral...” cit.; Luciane Munhoz de OMENA y Margarida Maria de CARVALHO, “Morte e gênero em Sêneca...” cit.; Darja Sterbenc ERKER, “Gender and Roman funeral...” cit., pp. 40-60.

<sup>23</sup> James KER, *The deaths of Seneca*, Oxford, Oxford University Press, 2009.

<sup>24</sup> Para a confecção deste artigo, utilizamos o texto original em latim da tradução: Lucius A. SÉNÉQUE, “*Lettres de Sénèque a Lucilius*”, par MM. Baillard, Charpentier, Du Rozoir, Alph. Trognon, Les Belles Lettres, 1834.

<sup>25</sup> Ver também Jean-Michel HULLS, “Monuments: grief and Consolation in Statius Silvae 33”, Valerie M. HOPE y Janet HUSKINSON, “*Memory and mourning. Studies on Roman death*”, Oxford, Oxbow Books, 2011, pp. 150-175.



como argumenta Hope,<sup>26</sup> “as imagens dos mortos poderiam ser interpretadas como uma forma de mediar e lidar com a dor e com a memória dos mortos”. Trebio construiu em vida a *aeterna domus*; todavia, a morte avassaladora o condenou a um constante luto, dia e noite colocava-se à prantear. De acordo com suas palavras: *Heu me miserum, qui feci tot crudelia funera, fleo noctem diem que, post haec plus non potui praestare meis quam aeternam domum pro parte mea o quantum dolor est quod cogit, <me>miserum patronum, pectus ferre haec* (N. Inv. A 0.917767 apud SARTORI, 1994).

O lamento e a dor transformaram-se em uma *publica memoria*, com o objetivo de impressionar os passantes e, ao mesmo tempo, promover os valores representados no epitáfio. Sendo assim, ao produzir uma memória compartilhada, Lúcio Trebio Divo apresentou-se como *pater familias* -o patrono- que, ao representar a *domus*, incorporou a *auctoritas*, responsabilizando-se pela construção da *aeterna domus*; deste modo, transmitiu à posteridade não somente a memória de seus mortos e seu pranto, como também criou, a partir das duas esposas e libertos, uma impressão de unidade familiar respaldada nos laços de afetividade, já que as fórmulas epigráficas na sociedade romana eram também construções discursivas estereotipadas e padronizadas.<sup>27</sup> Com palavras emotivas, alicerçadas no destino funesto da morte, apresentou a primeira esposa e seus libertos da seguinte forma:

*Septiciae Maur(a)e coniug(e) carissim(a)e quae vixit mecum annos XXXVIII men(ses) V dies XIII, hic ubi libertus arta(vi) meos et cesserunt fatis mea damna prio res hic iacet indigna consum(p)ti morte nova ti hic iacent III una ma n[u]missi die et coniuge cara mihi* (Museo Archeologico di Milano, N. Inv. A 0.917767. Linhas 04 a 14 apud SARTORI, 1994). (Museo Archeologico di Milano, N. Inv. A 0.917767 apud SARTORI, 1994).

Temos, então, a partir da fórmula epigráfica, a evidência do tempo de vida do falecido, assim como se verifica com os libertos de Lúcio Trebio Divo. Vejamos: *Lucius Trebius Chryseros qui vixit ann(os) XVIII mens(es) VIII dies V, Benigna vixit ann(os) V dies XXII, Felicitas vixit ann(os) III m(enses) II dies XI, Postumia vixit bien(n)io dies VIII*. É interessante mencionar que a ênfase no curto ciclo de nascimento e morte de seus libertos, refere-se à tentativa de solucionar, segundo nossa hipótese, o significado de suas mortes prematuras. Ao mesmo tempo, se pensarmos a função social dos libertos, veremos, ao que nos parece, a ampliação do *status* social do patrono. Lúcio Trébio Crisero, Benigna, Felicidade e Postúmia tornaram-se símbolos de ostentação social. Assim parece-nos possível deduzir que o patrono posto na condição de benevolente, segundo nossa hipótese, teria libertado seus escravos após a morte, enterrando-os novamente em seu túmulo familiar. Faz-se importante ressaltar que, em uma sociedade visual, a condição de benfeitor doméstico de Lúcio Trébio Divo representava símbolos de poder e prestígio. Ao lamentar o falecimento de seus quatro libertos, considerando, deste modo, injusta suas mortes, Lúcio Trébio divulga a memória de seus *liberti*; logo, proclama-se como um patrono piedoso. Torna, de fato, pública sua liberalidade.

<sup>26</sup> Valerie M. HOPE, “Remembering to mourn...” cit., p. 183.

<sup>27</sup> Wener RIESS, “Rari exempli femina: Female Virtues on Roman. Funerary inscriptions”, Sharon L. JAMES y Sheila DILLON (Eds.), *A companion to women in the Ancient World*, Londres, Blackwell Publishing Ltd., 2012, p. 491.



Sabemos, à vista disso, que os *liberti* poderiam se promover, em termos sociais, honrando seus patronos com a construção de monumentos mortuários ou comemorativos (e.g. o liberto *Publius Vesonius Philerus* em Pompeia, Porta Nocera, constrói um monumento funerário a sua patrona *Vesonia*), pois, como argumenta Carrol, simbolizava uma obrigação moral em função das relações legais.<sup>28</sup> Em nossa percepção, a mobilidade ascendente dos libertos era marcada pelo sucesso pessoal, garantindo-lhes, em termos efetivos, poder e dignidade. Como outrora já enfatizamos, o reflexo de tais relações pode ser vislumbrado nas procissões funerárias: quanto maior o número de escravos e libertos, além dos magistrados e outros integrantes, maior potencial para a conquista de *potestas*. Assim, parece-nos possível deduzir que as relações entre patrono e liberto na prática funerária refletiam, conforme está linha de raciocínio, as responsabilidades do patrono em relação aos direitos e propriedades de seus libertos, bem como o sistema de *operae* que os libertos eram obrigados a apresentar ao seu antigo proprietário.<sup>29</sup>

Podemos dizer, que os edifícios tumulares e suas ornamentações, por exemplo, bustos, estatuetas, pinturas, escudos, imagens ou textos epigráficos, representavam, em nossa percepção, poder e prestígio, já que se tornavam objetos públicos utilizados nas procissões funerárias e semi-públicas, ao serem expostas nos átrios das *domus*. Como acentua Hope,<sup>30</sup> a família poderia usar as imagens funerárias como um critério interno que apresentasse, aos seus membros mais jovens, metas a serem alcançadas. Os mortos ofereciam os *exempla* de sucessos do passado e as lembranças de seu lugar na estrutura de poder da família, como já atestava Salústio (*Guerra de Jugurta*, 4): *Nam saepe ego audivi Q. Maximum, P. Scipionem, praeterea civitatis nostrae praeclaros viros solitos ita dicere, cum maiorum imagines intuerentur, vehementissime sibi animum ad virtutem accendi.*<sup>31</sup>

Apesar de o elogio incorporar uma fórmula epigráfica, entendemos que a representação de unidade familiar, nesse epitáfio, incorpora, a partir dos laços de afeição, diferentes posições sociais entre seus membros. Assim, ao se referir à primeira esposa, *Septicia Moura*, Lúcio menciona seu longo matrimônio em companhia de uma consorte caríssima, enquanto ao nomear a segunda esposa, *Flamia*, ressalta apenas sua morte (“*num post haec adiuncta est mihi Flamia coniu(n)x laeva*”). Septícia, ex-escrava e uma *coniunx*, passa a ser representada pela *pietas*, pois, a partir disto, podemos afirmar que o epitáfio acentua a relevância social e a posição dos indivíduos na estrutura familiar. Entretanto, de acordo com nossas hipóteses, pelo menos nessa inscrição, a lembrança dos mortos vinculava-se, em termos fundamentais, à exploração mais particular e emocional de Lúcio Trébio Divo. O seu lamento não deveria ser controlado, à medida que o sofrimento excessivo parece não ser um problema social. Tal como se verifica na construção normativa de Sêneca, já que a manifestação da dor excessiva não seria um ato natural (Sêneca. *Ad Marciam de Consolatione* VII. 3), representaria, na percepção senequiana, um comportamento atribuído à falta de controle feminino. Como acentua Erker,<sup>32</sup> a dicotomia entre o controle emocional dos homens e a exibição descontrolada das mulheres expressava um juízo negativo do ponto

<sup>28</sup> Maureen CARROL, “The mourning was very good. Liberation and liberality in Roman funerary commemoration”, Valerie M. HOPE y Janet HUSKINSON, *Memory and mourning. Studies on Roman death*, Oxford, Oxbow Books, 2011, p. 126.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 137.

<sup>30</sup> Valerie M. HOPE, “Remembering to mourn...” cit., p. 180.

<sup>31</sup> Caio SALUSTIO, “*War with Catiline and War with Jugurtha*”, Harvard, Harvard University Press, Loeb Classical Library, Translated by J. C. Rolf, 1921.

<sup>32</sup> Darja Sterbenc ERKER, “Gender and roman funeral...” cit., p. 51.

de vista filosófico da aristocracia romana, uma vez que a virtude masculina desempenhava um papel central. Assim, parece-nos possível deduzir, como pontua Carrol,<sup>33</sup> que a tristeza gerada no *post mortem*, muitas vezes, possui um padrão estereotipado, já que não se pode ter certeza se indicam frases de efeito, representando os valores sociais, ou, ao contrário, o sobrevivente que sentiu, de fato, a perda familiar. Mediante ao epitáfio de *Lúcio Trébio Divo* entendemos que o mesmo construiu normas de condutas complexas que articularam representações distintas e, nem sempre, simbolizaram a construção do *ethos* filosófico.

### Considerações finais

Nosso objetivo, aqui, foi compreender a atribuição ao valor dos túmulos, com especial revelo ao epitáfio, responsável pela conservação da memória dos mortos. Assim, o processo de preservação e armazenamento leva-nos a refletir sobre a importância da produção social dos mortos, já que os romanos, embora criassem instâncias reguladoras para o mundo dos vivos e dos mortos, não os submetiam ao isolamento social. Com isso, os monumentos mortuários dedicados aos familiares e indivíduos expressavam, com muita nitidez, construções identitárias em consonância com a promoção pública de suas imagens, nomes, rostos, sucessos ou, em outro sentido, solicitavam aos visitantes, como a qualquer transeunte informal, a lembrança de seus mortos, o não esquecimento da finitude da vida e, ao mesmo tempo, a fomentação de seus sentimentos de dor e perda.

### Agradecimentos

Agradecemos à Renata S. Garraffoni (UFPR), à Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG), ao Darío N. Sánchez Vendramini (Universidad Nacional de la Rioja), e ao Greg Woolf pela troca de ideias. Mencionamos, ainda, o apoio da UFG, UNICAMP, CNPq e FAPEG\CAPES. No entanto, as reflexões desenvolvidas no decorrer do artigo são de responsabilidade dos autores.

---

<sup>33</sup> Maureen CARROL, “Roman funerary commemoration...” cit., p. 197.